

## SUMÁRIO

MILHO .....	2
FEIJÃO .....	2
BOVINOS .....	3
SUÍNOS .....	4
FRANGO .....	4
MEL .....	6

Prezados leitores,

Nesta semana, na agricultura paranaense, o boletim destaca as oscilações climáticas. A cultura do milho segunda safra, embora totalmente plantada, enfrenta condições climáticas desfavoráveis, com parte das lavouras exibindo situação ruim ou mediana, reflexo da irregularidade das chuvas e das ondas de calor de março. No campo do feijão segunda safra, a colheita acaba de iniciar, também revelando preocupações quanto ao impacto do clima seco e quente na produção, que ainda assim terá uma oferta importante. Este cenário impacta diretamente a dinâmica de preços, com o feijão preto registrando queda acentuada frente ao carioca, que, por sua vez, apresenta valorizações recentes.

No setor pecuário, a arroba bovina tem demonstrado uma alta gradual, embora a desvalorização do real frente ao dólar, influenciada pela nova taxaço imposta pelos Estados Unidos, mereça atenção, podendo inclusive favorecer o mercado interno com um aumento da demanda chinesa por carne brasileira. O setor suinícola, por outro lado, celebra um mês de março excepcional nas exportações, com o maior crescimento absoluto desde 1997, impulsionado pela demanda de diversos parceiros e pela abertura de novos mercados como as Filipinas. O Paraná ocupa a terceira posição nas exportações de mel no primeiro bimestre de 2025, com um aumento expressivo tanto no volume quanto na receita em comparação com o ano anterior, evidenciando a qualidade e competitividade do produto paranaense no mercado internacional.

Já a avicultura registra um aumento nos custos de produção em fevereiro, principalmente devido à elevação dos gastos com a ração, apesar de o preço do frango vivo ao produtor também ter apresentado alta.

Boa leitura!

## MILHO

*Adm. Edmar Wardensk Gervasio*

A segunda safra de milho encontra-se totalmente plantada e, no campo, as condições das lavouras não são favoráveis. Nesta semana 65% dos 2,66 milhões de hectares plantados apresentaram condição boa de lavoura. Já 23% têm condição mediana e com possibilidade de recuperação. O restante, 12%, têm condição ruim e não deve atingir a produtividade esperada, resultando provavelmente em perdas no campo.

Chuvas irregulares e abaixo da média durante o mês de março, aliado a ondas de calor, prejudicaram o desenvolvimento da safra de milho. Na última semana ocorreram chuvas pelo estado e isso pode contribuir para o desenvolvimento das lavouras, evitando piora da situação atual.

## FEIJÃO

*Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

Está começando a colheita da segunda safra de feijão no Paraná. O percentual passou de 1% para 3% da área semeada, estimada em 332 mil hectares. Apesar da redução de 24% na área em relação à segunda safra de 2024 (435 mil

ha), esta continua superando com folga a área da primeira safra, que teve sua colheita encerrada em março em uma área de 166 mil hectares.

Conseqüentemente, os volumes produzidos na segunda safra devem ser maiores em relação às 339,2 mil toneladas ofertadas no primeiro trimestre com a safra “das águas”. A expectativa ao final de março ainda era de uma produção de 610,6 mil toneladas, apesar de haver preocupações com o tempo seco e quente registrado ao longo do mês. Com o início da colheita as preocupações se confirmaram, e as chuvas que vem ocorrendo não têm sido suficientes para reverter o quadro, pelo contrário. Com chuvas localizadas e (ou) de baixa intensidade, as lavouras em boas condições passaram de 81% no momento do levantamento de produção de março para 71% atualmente, enquanto as médias passaram de 18% para 23% e as lavouras em condições ruins, que eram apenas 1%, hoje representam 6% da área não colhida.

Apesar das preocupações com a produção, a evolução da colheita deve pressionar ainda mais os preços. Estes decresceram bastante com a oferta em janeiro deste ano, particularmente para o feijão preto, que tem ganhado espaço frente ao carioca nos campos paranaenses. No dia

**Boletim Conjuntural Semana 15/2025 – 10 de abril de 2025**

09 os preços da saca de feijão preto registravam R\$ 151, aproximadamente, ante R\$ 202,00 praticados em abril de 2024. Já o feijão carioca, ainda com oferta restrita no estado, tem intenções de compra a preços mais atrativos, especialmente depois do incremento significativo experimentado nos últimos dias. Nos próximos dias a entrada deste feijão será precificada pelo mercado, mas por hora ele apresenta um descolamento importante do feijão preto, com intenções de compra registradas no mesmo dia 8 em R\$ 267,39 a saca, preço acima do recebido pelo produto em abril do ano passado, quando já com os descontos de qualidade os preços ficavam próximos de R\$ 223,00.

Somam-se às preocupações locais com os preços os possíveis desdobramentos da guerra comercial Sino-americana, pois recentemente o Brasil exportou volumes relevantes para o México e a Venezuela. Especialmente no caso do México, principal parceiro comercial dos Estados Unidos, podem ocorrer desdobramentos importantes de deslocamento de produção, além, claro, das oscilações cambiais.

## **BOVINOS**

*Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Atualmente cotada a R\$ 324,40, a arroba bovina vem registrando alta gradual nas últimas semanas. Na data de elaboração deste boletim, o valor se mantinha praticamente estável em relação ao dia anterior. No entanto, em dólar, houve uma variação significativa: de US\$ 55,62 no início da semana para US\$ 54,18, reflexo da forte desvalorização do real. Essa desvalorização, por sua vez, decorre das incertezas econômicas provocadas pela nova taxaço imposta pelos Estados Unidos a diversos países.

Embora o Brasil tenha sido relativamente pouco afetado — com uma tarifa de apenas 10% sobre os produtos exportados aos EUA —, a China tem intensificado o conflito ao retaliar com medidas similares. Esse embate torna o comércio de diversos produtos proibitivo entre os dois países.

No cenário interno, essa conjuntura pode favorecer os produtores e pesar no bolso do consumidor brasileiro: diante das restrições comerciais com os EUA, a China tende a aumentar a demanda por carne brasileira, reduzindo a aquisição de carne americana, impulsionando os preços no mercado interno.

**Boletim Conjuntural Semana 15/2025 – 10 de abril de 2025**

## SUÍNOS

*Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz*

Em março de 2025, o Paraná registrou um expressivo aumento de 91,5% nas exportações de carne suína em comparação a março de 2024, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Essa variação é a maior registrada desde fevereiro de 2016, quando houve um crescimento de 121,4% em relação ao ano anterior.

Em termos absolutos, março de 2025 apresentou o maior crescimento nas exportações de carne suína, quando comparado ao mesmo mês do ano anterior, desde o início da série histórica em 1997. Foram exportadas 19,4 mil toneladas (t), um acréscimo de 9,3 mil t (91,5%) frente a março de 2024 e de 1,6 mil t (8,9%) em relação a fevereiro de 2025. O recorde anterior de aumento absoluto era de 8,8 mil t, observado em julho de 2005.

Com esse desempenho, março de 2025 ocupa a segunda posição no ranking histórico de exportações mensais de carne suína do Estado do Paraná, atrás apenas de outubro de 2024, quando foram embarcadas 20,5 mil t.

Diversos parceiros tradicionais do Paraná ampliaram as aquisições de carne suína em 2025, o que contribuiu para o

crescimento significativo observado. Destacam-se Hong Kong (+99,9% ou +2,4 mil t), Uruguai (+102,4% ou +1,9 mil t), Argentina (+358,5% ou +1,9 mil t), Singapura (+74,4% ou +864 t), Vietnã (+53,7% ou +451 t), Libéria (+453,4% ou +254 t) e Paraguai (+45,7% ou +71 t). Além disso, houve a abertura do mercado das Filipinas, que se tornaram o terceiro principal destino da carne suína paranaense, com a aquisição de 2,5 mil t.

É importante ressaltar que os países citados já haviam importado volumes superiores em outras ocasiões. Assim, o desempenho registrado em março reflete a combinação de demandas consistentes de mercados que reconhecem e valorizam a qualidade da carne suína produzida no Paraná.

## FRANGO

*Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos (CNPISA), o custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviários tipo climatizado em pressão positiva, atingiu em fevereiro de 2025 o valor de R\$ 4,87/kg. Essa realidade representa uma elevação de 1,2% (+R\$ 0,06/kg) em

**Boletim Conjuntural Semana 15/2025 – 10 de abril de 2025**

relação ao mês anterior (janeiro: R\$ 4,81/kg) e de 11,2% (+R\$ 0,49/kg) em comparação com fevereiro de 2024, cujo valor foi de R\$ 4,38/kg.

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) foi de +377,13 pontos (base em janeiro de 2010 = 100 pontos) em fevereiro de 2025, representando uma alta de 1,25% em relação a janeiro, que registrou 372,49 pontos, e uma significativa elevação de 11,3% em relação a fevereiro de 2024 (338,77 pontos). No ano, o ICPFrango acumulado atingiu uma variação de 1,75%.

Comparado ao mês anterior, o ICPFrango registrou alta nos gastos com ração das aves (1,71%) e na genética (0,63%), porém queda na energia elétrica, calefação e cama (-0,60%), com estabilidade nos itens mão-de-obra, sanidade e transporte. Entretanto, considerando-se os doze meses, tem-se: alta nos itens ração (12,27%), genética (14,78%), mão-de-obra (13,70%) e energia elétrica (8,12%), mas redução no item transporte (-8,24%).

Os custos com a nutrição dos animais tiveram uma elevação de 3,16% no ano, representando 68,10% do ICPFrango. A aquisição de pintinhos de um dia - genética (com peso de 15,45% sobre o ICPFrango) teve uma retração de 2,88% no ano.

No Paraná (Coeficientes técnicos: área 1.500m<sup>2</sup>, peso 2,9 kg, mortalidade 5,5%, CA 1,7 kg, 6,2 lotes/ano), a alimentação dos frangos de corte, principal item no custo de produção, passou a representar 62,8% do custo total de produção (R\$ 4,87/kg), sendo que em igual mês de 2024 essa participação era de 67,6%. Em fevereiro de 2025 o valor da alimentação foi de R\$ 3,32/kg, o que representou uma alta de 1,8% (+R\$ 0,06/kg) em relação a janeiro (R\$ 3,26/kg) e um crescimento de 12,2% em relação a igual mês de 2024, cujo valor atingiu R\$ 2,96/kg.

Nos principais estados criadores de frangos de corte e produtores de carne, os custos de produção em fevereiro de 2025 foram os seguintes: Santa Catarina (R\$ 5,11/kg) e Rio Grande do Sul (R\$ 4,95/kg), sendo o primeiro 0,6% maior em relação ao mês anterior (R\$ 5,08/kg) e o segundo 1% maior que o custo total de fevereiro (R\$ 4,90/kg).

Em fevereiro de 2025, o preço nominal médio estadual do frango vivo ao produtor no Paraná foi de R\$ 4,64/kg, representando uma alta de 4% em relação ao preço do mês anterior (+R\$ 0,18), cujo valor foi de R\$ 4,46/kg e um valor 2% maior aquele praticado em igual mês de 2024 (fevereiro: R\$ 4,55/kg).

## MEL

*Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

No ranking das exportações de mel natural, o estado do Paraná ocupou a terceira posição no acumulado do primeiro bimestre de 2025, com uma receita cambial de US\$ 2,845 milhões, exportando 885 toneladas (t), a um preço médio de US\$ 3,21 por quilo. No mesmo período do ano anterior, o estado exportou 208 t, gerando uma receita de US\$ 477.256, a um preço médio de US\$ 2,29 por quilo.

No primeiro bimestre de 2025, as empresas brasileiras exportaram 5.347 t de mel *in natura*, gerando uma receita de US\$ 16,512 milhões, de acordo com dados do Agrostat Brasil. Esse volume representou uma alta de 38% em relação ao mesmo período de 2024, quando foram exportadas 3.874 t. O faturamento em dólares experimentou uma elevação de 65,8% em comparação com o primeiro bimestre de 2024, que registrou US\$ 9,960 milhões em receita.

O preço médio nacional do mel no período foi de US\$ 3.088,09 por t, representando uma alta de 20,2% em relação ao valor médio de US\$ 2.570,08 por t no mesmo período do ano anterior.

Minas Gerais liderou o ranking, com US\$ 5,632 milhões em receita, exportando 1.827 t a um preço médio de US\$ 3,08 por quilo. No ano anterior, foram exportadas 526 t, com receita de US\$ 1,495 milhão e preço médio de US\$ 2,84 por quilo. Em segundo lugar, Santa Catarina registrou uma receita de US\$ 2,931 milhões, exportando 979 t a um preço médio de US\$ 2,99 por quilo. No ano anterior, o estado exportou 1.063 t, gerando uma receita de US\$ 2,547 milhões a um preço médio de US\$ 2,39 por quilo. O estado de São Paulo se destacou em quarto lugar, com uma receita de US\$ 1,823 milhão, exportando 553 t a um preço médio de US\$ 3,29 por quilo. No ano anterior, foram exportadas 333 t, gerando uma receita de US\$ 932.506 a um preço médio de US\$ 2,80 por quilo.

Os Estados Unidos da América continuaram sendo o principal destino do mel brasileiro no primeiro bimestre de 2025, recebendo 84,5% de todo o volume exportado (5.347 t), com uma receita de US\$ 13,895 milhões e um preço médio de US\$ 3,07 por quilo. No ano anterior, foram importadas 3.027 t, gerando uma receita de US\$ 7,760 milhões a um preço médio de US\$ 2,56 por quilo.